

O SILÊNCIO DOS LIVROS

PREFÁCIO
Onésimo Teotónio
Almeida

seguido de
ESSE VÍCIO AINDA IMPUNE
de MICHEL CRÉPU

GEORGE STEINER

NÃO-FICÇÃO · FILOSOFIA

Índice

- 9** *O Livro de Cada Dia nos Dai Hoje*
Onésimo Teotónio Almeida
- 27** *O Silêncio dos Livros*
George Steiner
- 61** *Esse Vício ainda Impune*
Michel Crépu

PREFÁCIO

O livro de cada dia nos dai hoje

ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA¹

¹ Professor Emérito de Estudos Portugueses e Brasileiros e *Royce Family Professor in Teaching Excellence* da Brown University

Como se escreve um prefácio para um texto de George Steiner? Onde se vai buscar coragem ou safadeza para tanto atrevimento? Só saberei quando chegar ao fim deste desafiante repto que me lançaram e afoitamente aceitei apenas por causa de uma paixão comum: os livros. Na verdade, também apreciei sempre em Steiner a transversalidade que lhe permitia passear no tempo de trás para diante e de diante para trás, saltitando da literatura para as artes e de lá para as ideias, associando um quadro a uma passagem de romance e entremeando a propósito o dito de um filósofo, e sempre tudo muito agarrado ao chão, à memória do Holocausto que constantemente o perseguiu (confissão dele – leia-se a sua quase autobiografia *Errata: An Examined Life*). O seu humanismo não foi gerado propriamente na leitura de obras das Humanidades; estas, pelo contrário, surgiram-lhe como um modo de

lidar com os horrores do mundo, em busca de explicação, de expiação e de algum refúgio.

No universo anglo-americano generalizou-se o uso do termo *polymath* – ou *polymath* renascentista – para catalogar figuras como George Steiner, curiosamente popularizado já quando elas tendem a extinguir-se. Porque, se há na verdade uma estrela-cadente no firmamento da nossa herança cultural, é precisamente o polímato², o devorador de livros e triturador de ideias que procura fazer sentido de tudo e, do seu panóptico, aquele que vai iluminando as mentes de menor fôlego e abrangência e sem a profundidade necessária para abarcar tanto conhecimento. O polímato produz algum sentido em linguagem acessível ao comum dos mortais, pelo menos dos espíritos medianamente inteligentes, cultos e motivados a entender a sua envolvimento e mesmo a vida.

Não acredito que tenham desaparecido as grandes figuras das Humanidades que, sobretudo através da literatura, nos ajudavam a reflectir para além da epiderme do quotidiano. Elas existem e quem está atento segue-as. Todavia, estão longe de terem a escutá-las a vasta rede de leitores que outrora abraçavam os *maîtres à penser*, por vezes pontífices de fala quase *ex cathedra*, do alto da sua escrita. Os *pundits* e os tudólogos substituíram-nas. Os seus livros-base são o Facebook, o Instagram, o Twitter

² Que eu saiba, o termo «polímato» ainda não se generalizou entre nós, que hoje tudo adaptamos do inglês.

e o TikTok. No mesmo comprimento de onda, os seus seguidores não conseguem dispor de mais do que uns poucos minutos de tempo porque há uma miríade de *sites* apelando à sua atenção, clamando pelos seus *likes* e *emojis*.

Não vou, porém, armar em carpideira dos tempos idos. Quem vai adquirir este belo ensaio de Steiner, ou é seu fã, ou foi atraído pela ideia do livro tradicional, e por isso é a esse/a leitor/a que me dirijo, por mera cumplicidade. Somos amantes, alguns mesmo devoradores, de livros e deles não abdicamos. Também não cairei na veleidade de comentar o estimulante e sugestivo ensaio de Steiner. Optarei por seguir o modelo do meu vizinho do outro lado deste livro, Michel Crépu, autor do posfácio, que deixou as páginas do ensaísta propalarem-no em todas as direcções como a escrita de Steiner consegue fazer aos leitores atentos. Limitar-me-ei a glosar o tema dos livros a partir de algumas das inúmeras reflexões que jorram da corrente de consciência da escrita do autor de *After Babel*. Cada leitor fará o mesmo. Steiner não carece de intérpretes, tão transparente é a sua linguagem. Porque ler Steiner é viajar com ele num comboio ouvindo-o de olhos abertos para a imensidão da paisagem circundante.

O livro é um mergulho em profundidade num pequeno espaço do inconsciente colectivo composto pela biblioteca universal. Ao contrário do salta-pocinhas da Internet, o leitor de um livro atira-se de cabeça ao silencioso mundo de umas centenas de páginas a iluminar nas profundezas uma dúvida, uma pergunta, um microcosmo. A magia dos

livros vem do facto de a escrita permitir uma dimensão e riqueza que a conversa não consegue nem tolera; ela cria espaço de requinte formal que seria afectado e entediante na conversação.

Evitarei também cair noutra veleidade que seria a de falar no sagrado dos livros como se eles o fossem. Ele há a *Bíblia* e o *Alcorão*, o *Mein Kampf* e a *Odisseia*, o *Tao Te Ching* e o *Livro Vermelho* de Mao Tsé-Tung, *Gilgamesh* e *Que Fazer?*, para não falar de *The Art of the Deal*. A crença ingénua que comanda ler seja o que for tem muito que se lhe diga. Ele há livros e livros. O sagrado deles é subjectivo e por isso o relativismo entra aqui inevitavelmente. São sagrados para os seus fiéis, partilhantes das suas crenças. A urgência imparável que se apossava daquela figura de um preso político brasileiro e o fazia levantar-se alta noite desesperado pela falta de algo para ler e ir à casa de banho ler Q e F do Quente e Frio do chuveiro é compreensível, contudo não pode servir de modelo para o quotidiano normal de quem tem escolhas. Ler sim, mas devagar; ler sim, mas discriminar e seleccionar. Foi desse modo que as civilizações do livro cresceram e foram ensinando os novos a proceder. Nem tudo o que luz é oiro e nem todo o papel serve para leitura. Steiner, aliás, recorda-nos que a nossa sensibilidade ocidental provém de Jerusalém e Atenas, de duas figuras que nunca publicaram – Jesus e